

# MÃOS A' OBRA

Fala-se em revolução, grita-se revolução, proclamamos nós a sua imperiosa e dignificadora necessidade perante a vergonhosa ditadura governamental. Todos sentimos que a nossa dignidade de republicanos a exige mas, em bôa razão, hemos de confessar que, se uma parte da massa mais consciente do povo republicano assim pensa e, conformemente com o seu pensar actual, uma grande parte, a maior parte do paiz, pensando da mesma forma, se limita á indignação facil e comoda do café politico ou ao vomitar, indignado, de tropos bastos de oratoria altisonante nos comicios populares.

A acção que hoje se exige não é da palavra, porque essa já foi exercida e sufficientemente.

O que se impõe são *actos*.

Conjugar esforços, aliciar com cuidado, mas com insistencia, ligar bôas vontades, procurar e crear nucleos de acção revolucionaria e ir junto dos quartéis falar ao soldado, aliciar o sargento e convencer o official—eis o *dever* de todo o republicano!

A's respostas negativas não deve succeder o desanimo.

A cada fracasso deve corresponder, pertinazmente, novas tentativas, mais convincentes, ainda que cautasas.

A obra a fazer não é de ruido e espalhafato—é de silencio e de conspiração.

Quem conspira não grita que conspira!

Quem conspira não perde tempo no café em palrações inuteis.

\* \* \*

Porque bom é salientar: a pugna que ora se trava, se só pode ser decidida por uma luta armada, representa o grande combate entre a liberdade e a reacção, entre o espirito monarchico e a alma republicana.

E, sendo assim, a todos nós cabe o deixar de bem nos prepararmos, de cautelosamente nos armarmos, de inteligentemente organisarmos as nossas forças para que, com a nossa derrota, se para o combate formos atirados não advenha, para a Republica, *o ultimo e derradeiro desastre!*

Nas nossas mãos estão os destinos do regímen. A Republica exige, de nós todos, o maior sacrificio.

A nossa consciencia deve exigir a cada um de nós e aos outros a maior actividade, a maior cautela e a *maior audacia!*

O inimigo que enfrentamos é forte na sua manha e mais forte ainda porque tem como aliados poderosos a cobardia e o comodismo de grande parte da Nação.

Não o esqueçamos.

\* \* \*

Já depois de escritas as duas primeiras partes deste artigo, graves acontecimentos tiveram lugar no paiz. Algumas divisões do exercito estão revoltadas procurando concentrar-se em convergencia para Lisboa.

A nação armada ergue-se contra a ditadura governamental. Os revoltados afirmam-se republicanos. Queremos crê-lo. Mas daqui dizemos aos republicanos que nos leem que *cautelosamente* devem encarar o movimento cujas directrises ainda *claramente* não conhecemos.

Contra a ditadura vimos pregando mas não queremos, não o quere a nossa alma de republicanos que a esta ditadura outra pior se venha sobrepor: a ditadura pesada das botas altas do sr. Gomes da Costa!

Ditaduras—nenhuma! Nem a do pigmeu Silva nem a do gigante Costa!

*E' esta a nossa attitude.*

E, quere vença o governo quere vençam os militares, as palavras com que iniciamos o nosso artigo mantem-se:

A Republica exige de nós, na hora grave que passa, os maiores sacrificios. Não lh'os recusemos!

*Mãos á obra!*



# ONTEM E HOJE

Opiniões colhidas do numero unico de «A Madrugada de Quatro», editado em 5 de Outubro de 1912 por um grupo de combatentes da Republica, que ainda teem oportunidade

## A REVOLUÇÃO

Para uns:

Foi um imprevisto, um terror, um sonho, uma duvida, um enigma, um assombro, uma muda e terrivel *interrogação*.

Para outros:

Foi um alivio, um desabafo, uma alegria, um fim, um desejo, um anseio, um desafogado grito de *admiração*.

Para muitos:

Foi uma compensação, um arranjo, uma historia, um bem-estar, uma fortuna, um maná, uma loteria, um aureo *parentesis*.

Para muitissimos:

Foi um sacrificio, um heroismo, uma decepção, um desengano, uma gloria, uma mutilação, uma dôr, um *ponto final* .. na vida.

## G. MALHEIROS

\*\*\*

Emquanto os afilhados da Republica, que ha dois anos, por humanitarismo, poupámos, se riem da nossa pequenez, esperemos pela hora da justiça e não descansemos, até ver realisado o ideal das nossas aspirações e rendamos, hoje, homenagem áqueles nossos camaradas que morreram varados pelas balas realistas ou pelos cegos estilhaços das nossas bombas.

## I. C. PERSONIO.

\*\*\*

Pede-me a impressão sobre a manhã de 4 de Outubro de 1910. Se fosse dizer tudo quanto senti e sinto muito tinha que dizer. Para não se falar mais no que já se devia ter falado e aclarado, calo-me e não digo nada.

Francisco Garcia Tereno

Tenente da Guarda Republicana

\*\*\*

Se não me engano, a fuzilaria da gloriosa manhã de 4 de Outubro espantou a rapinagem que aos poucos, ia devorando o Paiz; mas foito o silencio reparador dos grandes sustos, esvaído o cheiro e o fumo da polvora vingadora, um *patriotico bando de cervos esfaimados*, de nova e bicolor plumagem, intenta devorar o pouco que ainda nos resta.

Estaréi em erro, oh bravo povo portuguez, oh generoso ludibriado de todos os tempos?

Antonio Aurelio

A madrugada de 4 de Outubro de 1901 foi, apesar de parecer o contrario, aquela em que menos goute andou pelas ruas. Os *palermas* que nessa cairam, tem sido, pelos que foram para casa *sossegar as famillas*, apodados de *Maus Republicanos, Talassas e Traidores á Patria!!...*

Celestino Steffanina,

\*\*\*

A revolução de 5 de outubro foi para os sinceros revolucionarios o que são todos os sonhos bons; uma aurora eterna e gloriosa e acordámos ao sentir o frio irritante duma tarde d'inverno... Mas ainda assim é um sonho impercível que faz bem recordar, para, se fôr preciso, repetir.

Francisco da Silva Passos.

\*\*\*

Mas, hoje, triste é vermos como esses *le erois* e *mercenarios* teem procedido para fazer valer a sua absoluta incompetencia, urdindo e tecendo a mais baixa intriga, para ensarilhar e desacreditar, perante a opinião publica, os homens de mais valor e simpatia ao Povo!

José Antonio dos Santos (Belem)

\*\*\*

Não sei o que deve dizer, me sinto tão pequeno dentro da nossa querida Republica. Direi apenas que vélo por ela como por uma filha querida.

Portuguez da Silva

\*\*\*

A revolução de 5 de Outubro foi uma bomba que, explodindo, feriu muitos dos que a lançaram e poupon quasi todos aqueles contra quem foi lançada.

João Serejo.

\*\*\*

Os vencedores de hontem são os escorraçados de hoje.

J. Tavares.

\*\*\*

Lindo aspécto aquele em que a joven Republica ora sandada na Rotunda pelas salvas da sua artilharia; mulheres, civis, creanças e militares, numa loucura impossível de descrever, se abraçavam e beijavam com tal satisfação, como se ha muito se encontrassem apartados.

Eduardo Leite



# As Juntas de Freguesia,

## sua historia e seu destino

Tratando o problema da descentralisação administrativa nós temo-nos occupado exclusivamente das Juntas de Freguesia. Porquê? E' porque as Juntas Gerais de Distrito e as Camaras Municipais não tenham para nós importancia? De modo algum. Mas, preferentemente, as Juntas de Freguesia, pelo contacto intimo que teem com a população, são os organismos que melhor podem iniciar uma politica essencialmente democratica.

Parece recente a existencia das Juntas de Freguesia. Não é, porém. Os municipios primarios, que veem desde o dominio romano e nos primordios da monarchia com Afonso III, com D. João I e o Principe Perfeito, tiveram tão benefica influencia na formação da nacionalidade, não são outra cousa que as Juntas de Freguesia, isto é os primeiros agregados da população. Com o desenvolvimento demografico e a formação constante de novos povoamentos o municipio primitivo passou da aldeia á vila e á cidade, perdendo um tanto ou quanto o contacto com a população.

O liberalismo constitucional quiz ressuscitar o municipio primario, instituindo as Juntas de Freguesia.

Pelo decreto de 26 de Novembro de 1830 foi criada em cada parochia uma Junta eleita pelos moradores e composta unicamente de tres membros naquelas que tivessem menos 200 fogos; de cinco, nas que tivessem de 200 até 600 fogos; de sete membros nas que contassem mais de 600 fogos.

O governo escolhia um dos membros eleitos para presidir á corporação e ao presidente incumbiam cumulativamente as funções de regedor da freguesia.

A estas Juntas foram concedidas extensas faculdades porque não só podiam cuidar dos interesses peculiares da parochia mas dirigiam por seu alvedrio a construção das obras parochiais, dispendiam livremente os dinheiros que lhes eram confiados; faziam registos dos casamentos, nascimentos e obitos e o arrolamento das pessoas residentes na respectiva circumscrição. Era-lhes, porém vedado deliberar sobre certos assuntos sem o acordo do povo, ideia que depois serviu para as assembleias dos 40 maiores contribuintes, chamados a aprovar as deliberações das Camaras Municipais sobre empréstimos e outras. Mas logo em 16 de maio de 1832 foram extintas as Juntas de Freguesia que ficaram então esquecidas até 1835. Em 18 de Junho deste ano um decreto restabeleceu as Juntas mas com faculdades menos extensas do que aquelas que

tinham anteriormente. Em 31 de dezembro de 1836 nova reforma das Juntas que lhes dava attribuições eficazes ás que haviam tido primitivamente. Não durou muito esta febre de liberalismo. Em 28 de outubro de 1840 um decreto veio de novo limitar as attribuições das juntas. O codigo administrativo de 1842 não lhes foi mais favoravel.

Varias vicissitudes sofreram ainda até á promulgação do Codigo de 1878, chamado o Codigo de Sampaio, que era moldado em bases absolutamente democraticas.

Bem se pode dizer que nada melhor fez a Republica pois não elaborou na sua gerencia nenhum outro Codigo administrativo, sendo o funcionamento das Juntas regulado hoje por leis dispersas.

Quanto a nós, repetimos, sem a elaboração dum Codigo administrativo que restitua ás Juntas de Freguesia as suas antigas attribuições e outras ainda que aqui apontámos já, sem esta reforma indispensavel, a democracia é um sofisma grosseiro.

A monarchia, contraria por sistema á descentralisação administrativa, viveu com o caciquismo, iludindo sempre o sufragio popular. O sr. Antonio Maria da Silva, chefe dum partido que monopolisa o poder ha dezasseis anos, não conhece tambem outro sistema de dominio politico senão aquele que lhe garantam os multiplos e variados caciques locais.

Alguem acredita aí que a Republica possa progredir e democratizar se enquanto o Parlamento fór fabricado pelos caciques? Evidentemente que não. E' preciso liquidar o cacique para que o sufragio não seja a mais ignobil das burlas. E não ha outra maneira de liquidar-lo senão dando força e individualidade ás Juntas de Freguesia. Teem sido sempre os caciques os maiores inimigos da administração local autonoma. E' preciso pois que os combatamos sem treguas nem mercê. E a melhor maneira de lhes dar combate é pôr de pé as Juntas de Freguesia na amplidão das suas attribuições.

---

A liberdade e o maior bem que possuímos sobre a terra e uma vez violado o direito que tem a personalidade de agir, o homem, para reconquistá-la, é capaz de tudo: de um momento para outro elle, que antes era um coverde, torna-se um herói, elle, que dantes era a inércia, se multiplica e se subdivide; e ainda mesmo esmagado pelo peso da dor e das perseguições, ainda mesmo reduzido a morrer, de suas cinzas renasce sempre mais bela e mais pura a liberdade.

Deodoro da Fonseca.



# A burla de Fátima

Todos os espíritos livres tem de se aprestar a uma energica attitude contra o atrofiamento das consciencias tentado pela reacção

Os verdadeiros autores do milagre de Fátima não são os reaccionarios, mas os republicanos — os republicanos maus e os republicanos indolentes, bem entendido. . .

A religião em Portugal antes de 1910 era principalmente um esteio da monarchia; por meio dela combatia-se o partido republicano e solidificava-se o regime deposto. Os padres fanatisavam o povo, caluniavam todas as ideias progressivas e faziam as eleições, manejando eleitores e caciques, ás conveniências dos partidos monarchicos. Com a implantação da Republica viu-se logo que a religião catolica em Portugal não passava de desenvolvimento aturado da superstição popular e do snobismo das damas *chics* e aristocraticas. As igrejas, principalmente, nas cidades, esvasiaram-se.

Veio depois a transigencia com os reaccionarios, os jesuitas começaram deitando as mãosinhas de fóra, explorou-se descaradamente com a caridade e o clericalismo começou perante a indiferença dans e a cumplicidade de outros, a desenvolver uma actividade cujos frutos todos nós agora amargamente constatamos.

Fátima não se ousou implantar em plena monarchia, devido á intensa propaganda anticlerical que então se fazia. Ousou-se depois, em plena republica, porque essa propaganda cessou.

O milagre de Fátima consiste na aparição da Virgem Maria a três crianças que pastoreavam na Cova de Iria rebanhos de cabras, e posteriormente, como reclamo ás peregrinações, na circumstancia do sol ter bailado, o que foi considerado como uma confirmação do ceu sobre a aparição da Virgem.

O «Seculo», pela pena dum jornalista illustre mas reaccionario, publicou nessa altura longos artigos afirmando que de facto o extranho fenomeno solar se tinha produzido nessa terra, extranha e milagrosa, de Fátima.

A Igreja prudente e cobarde, hesitou, recosando que se operasse na opinião publica um movimento contrario que fizesse fracassar essa atrevida exploração. Mas o movimento não se produziu e a Igreja com seus padres, seus bispos e os poderosos auxiliares de que dispõem nas fileiras monarchicas e principalmente na casta aristocratica, preparou o que hoje constitue já um exito retumbante.

As três crianças que «viram» a virgem tiveram duas delas uma morte extranha e misteriosa e a outra, a sobrevivente, encontra-se actualmente sequestrada no jesuitico collegio das Doroteias do Porto, com um nome suposto. As autorida-

des não ignoram este sequestro, tanto mais que a «Batalha» já publicamente o denunciou. Mas, permaneceram frias e hirtas, consentindo neste crime e deixando que em plena republica os jesuitas enclausurem numa das suas penitenciarias morais uma criança que só se libertará, quando a morte a redima do seu negro cativo.

\*  
\* \*

Os jornais reaccionarios e com eles, afinando pelo mesmo diapassão, os *sol-dsant* jornais de grande informação afirmaram solenemente que a peregrinação de Fátima constituía uma grande parada de fé religiosa! Mentira—mentira hipocritica.

Fátima — e podemos confirmá-lo com o nosso testemunho—tem sido e foi este ano, uma grande parada clerical, o que faz uma grande diferença.

Acabar com aquela romaria não constitue um atentado ás consciencias, nem uma perseguição ás crenças e tam pouco um crime contra a liberdade. Consenti-la equivale a permitir que a superstição e a ignorancia populares sejam exploradas por clericais sem escrupulos que adoptam como orientadora dos seus actos a conhecida e cinica maxima jesuita: « os fins justificam os meios ».

\* \*

Em Fátima não estiveram este ano as 100.000 pessoas que a imprensa reaccionaria e a suposta imprensa independente declaram. Quando muito encontrar-se-ia metade daquele numero. Quem constitue essa multidão? O povo ignaro e simples das vilas apartadas do caminho de ferro e das aldeias quasi desprovidas de vias de comunicação; povo que vive mergulhado na ignorancia e no analfabetismo, na miseria e numa quasi selvageria, pois que os seus costumes pouco diforem dos que caracterizaram a idade media. Esse povo para quem a escola é mais uma invenção do diabo do que uma necessidade da civilização, vive amarrado á escravização desses grandes e feudais lavradores monarchicos, mas monarchicos dotados dum poder economico quasi identico ao dos tempos do absolutismo, e pertence aos padres das terras em que vivem. Os padres e os lavradores são aliados; aqueles pregam aos servos a resignação perante a escravidão a que estão sujeitos, os segundos, aconselham-nos a



# O governo afronta os officiaes e despreza os sargentos

O governo que por aí se arrasta numa vida de corrupção e veniagem desbaratando os dinheiros do País, em comezias á clientela insaciavel do seu partido, entrou no delirio da loucura e do crime, para contra a vontade da Nação se conservar á frente dos negocios do Estado.

Para tal, não escolhe meios. Tudo lhe serve. Tentou subornar a officialidade do exercito, aumentando-lhe as gratificações de serviço, esquecendo-se ou fazendo esquecer-se que a honra do exercito não se vende.

A officialidade, compreendendo que ao governo pouco interessava a sua situação, mas sim o seu incondicional apoio para continuar a sua obra de latrocinios que, comprometendo a Republica, desprestigia a Nação, repeliu nobre e honradamente tão ignobil tentativa.

A prova de que o governo andou com premeditação nesta miserál tentativa de suborno, está na forma como procedeu para com a honrada, briosa e republicana classe dos sargentos. A esses não lhes concedeu de entrada quaisquer aumentos, fê-lo depois, e ainda assim, numa insignificante quantia.

A classe dos sargentos, classe que desde sempre, honrou o exercito portuguez e que nas lutas para a proclamação, consolidação e defesa da Republica, tem occupado um primacial lugar, não merece ao governo do sr. Antonio Maria da Silva um carinho especial. E, não merece, porque o governo sabe que essa republicana classe não transige com ditadores, não consente, sem o seu ruidoso protesto, ataques á Constituição, e mormente quando eles tem em mira um proposito de servir o País honrando a Republica, porisso os vexou.

E' assim que o sr. Antonio Maria da Silva trata os mais devotados servidores do regimen,

primeiro, roubando-lhe o seu representante no Parlamento — o honrado e bondoso Herminio Branco, — depois, vexando-os com uma irritante desigualdade de tratamento.

\*

\* \*

O sr. da Silva, verificando que o exercito se não prestava a servir de joguete aos interesses do partido democratico, entrou no regimen da perseguição. Transferencias sobre transferencias. Official ou sargento que não seja incondicional, é transferido sem a mais leve atenção do que isso representa para a sua vida e de suas familias. Doença, filhos a estudar, dificuldades de habitação, nada vale perante o castigo a impôr a quem — não atraçoando a Republica nem a sua lei basilar — não é um incondicional desse govêrno de incompetentes e de maus, escudado numa maioria de inferiores e de imbecis.

\*

\* \*

Estamos em frente, pois, de loucas ou criminosos. Só por loucura ou crime o sr. Antonio Marra da Silva e o seu satellite Santos Silva, se querem conservar no poder. Teem a Nação contra si, a imprensa de todos os matizes, todos os partidos republicanos, o exercito, enfim, tudo o que de facto representa o País.

O que querem fazer?

Que criminosos designios ocultarão esses homens?

Sr. Presidente da Republica:

Para onde vamos?

acatarem a vontade dos primeiros com o mesmo respeito e a mesma submissão como deve ser acatada a vontade de Deus. E a multidão de Fatima não é, portanto uma multidão de homens livres que por seu motuo proprio procede. E' uma multidão de escravos que os padres maneam a seu belo talento — e nessas dezenas de milhares de desgraçados está o esteio mais seguro das peregrinações de Fatima. Essa multidão constitui uma afronta á intelligencia, á dignidade humana e á propria justiça. E' uma mancha, uma mancha que incessantemente alastre e demonstra que a *so disant* demacracia se implantou platonicamente por meio dalgumas leis que só vivem nos arquivos e dalguns decretos cuja applicação

constitue o maior dos *bluffs* que a imaginação humana pode conceber.

E' certo que Fatima não tem só esses seres primitivos e desgraçados: vão lá muitos peregrinos doutras classes sociais.

Mas esses não são em numero sufficiente para assegurar o exito de Fatima. A Cova da Iria sem a multidão inculta e miseravel dos campos, escrava de padres e de caciques nunca passaria dum entrecho de opereta, com damas bem vestidas, padres galantes e velhas beatas a fornecerem o comico, o pitoresco e o grotesco, indispensaveis a essas peças musicadas.

Fatima é principalmente uma infamia e uma podridão. Dessa infamia e dessa podridão falaremos largamente no proximo numero.



# Uma busca nocturna

Conto inédito de Eduardo Frias

—Vais levantar-te?... Que tens, Amadeu? Sentes-te peor?

—Não!... Não tenho nada!... Pareceu-me que batiam á porta...

—Ora!... E para isso fazes tu mudar a posição das pernas... Tu, que tanto te custa dobrar para te sentares... Pede... Pedeas coisas...

Calaram-se. Amadeu voltou a deitar-se. Absorveu-se na política de um diário da manhã, e Carolina, a sua companheira de tantas horas de luta, de sobressaltos, afastava as franjas de uma toalha.

Era feliz. O marido encontrava-se doente, com reumatismo, mas não era caso para se julgar desprotegida da sorte. Amadeu era paciente, era heroico, não se queixava. O reumatismo contraído nos calabouços, durante a sua vida agitada de revolucionário, passaria... uma mudança de tempo, e acabou-se. Sim, era feliz... O marido desludira-se da política; afastara-se. Já não lhe dava aquelas terríveis angustias de noites fora de casa, implicado em conspirações, enquanto a policia o procurava por toda a parte, e não lhe largava a porta.

Que tempos! Noites havia em que o troteio na cidade era intensissimo. Na manhã seguinte, apparecia nas ruas gente morta, depois navios que partiam com deportados... Calabouços que se enchiam de gente aprisionada por suspeita...

Tudo acabou. Amadeu fazia uma vida tranquilla. Vivia para sua casa, para um filho. Ajudou a proclamar a Republica. Sacrificou tudo... Viu a morte muitas vezes, sorrindo-lhe em tom de ameaça... Por fim, afastara-se triste, não querendo entrar em zaragatas sangrentas, que nada traziam de positivo para a aproximada realização do seu ideal...

—Carolina... Ha gente na escada... Gente que sobe e desce. Estranho isto... São pessoas que nunca cá vieram ao predio e estão atrapalhadas. Procuram alguém...

Carolina, estremeceu, tranzida de pavor. Recordou passadas semelhantes, quando noutros tempos a policia invadia a escada procurando o marido... Nesse tempo não mostrava o mesmo receio. Compartilhava heroicamente das ideias do marido... Mas agora... desabituou-se...

—Amadeu...

—Que é!

—Sim! Parece que procuram alguém.

—Deixa-os!... Não é connosco com certeza...

—Amadeu!... E se fosse... Se te procurassem...

Com aqueles passos, tão pesados...

—Mas que tens tu?

—Advinho, não sei o quê... Ouve... É para cá...

—É engano!... Vou abrir...

Carolina encaminhou-se para a porta, e daí a momentos, recuava, como que empurrada por rez indivíduos de modos equívocos, grosseiros, que invadiam a casa brutalmente.

Amadeu levantou-se indignado, e não pôde conter-se:

—Ponham-se lá fóra... Ponham-se lá fóra, se não querem que os atire pela janela...

—Ó Amadeu... sossega...

—Deixa-me sózinho com estes cavalheiros.

—Mas que atitudes são estas? Que modos são estes de entrar em casa de uma pessoa... Carolina, fazes favor, deixa-me só...

Um dos recém-chegados pronunciou:

—Veja lá como fala á autoridade. Você é que é o Amadeu de...

—Sou eu mesmo, sou.

—Então tem que nos acompanhar...

—Mas o que é que os senhores querem? Querem dansas... Que pagode é este? Quem os mandou cá... Era o que me faltava, metido outra vez em questões com a policia... Deixei-me disso... No Governo Civil sabem isso muito bem.

—Não queremos saber, temos ordens de o levarmos connosco, e passar uma busca á casa...

—Façam favor... Cuidado com uns bombons que tenho ahí escondidos para meu filho.

Os agentes afastam-se... Vai pela casa toda um barulho infernal, de cadeiras voltadas, gavetas arrombadas, malas revolvidas...

Carolina chora, a ocultas. Amadeu passava, fumando desesperadamente, escondendo nos bolsos a crispção das mãos.

—Vamos senhores...

Eram os agentes que voltavam.

—Vamos, seu Amadeu... E para a outra vez não arme em pimpão, não queira enrolar a gente... Então o meu amigo está inocentinho... Não faz bombas...

Amadeu respondeu com grande naturalidade:

—Fiz... Fiz... Se não fosse um grupo de idiotas como eu, não estavam agora, uns grandes patifes, empoileirados na republica... Agora deixei-me disso.

—Ah! sim... Então, o que é esta espoleta, que nós agora apreendemos?

—Isso, exclamou Amadeu, olhando a espoleta nas mãos de um dos agentes... É uma recordação oferecida por um ministro da republica, que andou comigo a conspirar contra a monarchia...

—Pois vá lá dizer isso a elas... Isso não é com a gente... Vamos...

E Amadeu, depois de abraçar a sua querida companheira, doente, sem poder opôr a menor resistencia, seguiu entre os agentes, para mezes mais tarde, seguir para a Africa, em uma leva de deportados.

—Querem por força que eu faça bombas—dizia ele á saída—Pois é muito possivel que sim, quando voltar... Bandidos!...

## « Medicos portugueses »

Recebemos o n.º 3 desta preciosa revista bibliografica, dirigida com superior critério pelo dr. Barros e Silva.

O presente numero dedica-se especialmente á memoria de Sousa Martins, reproduzindo o seu retrato em varias fases da vida e desenhos alusivos, alguns dos quais do saudoso caricaturista Bordoal Pinheiro. Tambem reproduz duas fotografias da primitiva estatua ao glorioso medico, que foi apeada pouco depois da sua inauguração. Outra materia de grande interesse nos dá a brilhante publicação, por todos os titulos recomendavel ás pessoas cultas e estudiosas, mesmo áquelas que não se dedicam particularmente á medicina.

Viver para ser livre, ou morrer para deixar de ser escravo.

Praxedes G. Guerrero.



# O FLAGELO DA TUBERCULOSE

## Em Lisboa descuida-se por completo a defeza sanitária da população

O professor Cassiano Neves iniciou no *Diário de Noticias* — no órgão dos moageiros e dos falsificadores do pão! — uma campanha chamando a nossa atenção para a invasão da tuberculose. O que os numeros citados pelo illustre clinico nos veem dizer é de arrepiar. E' de sentir ansias de arrancar de uma carabina e, de longada, desvairados, irmos de uma ponta á outra dos *grandes culpados*, a executar a *vingança santa*.

Porque o sr. dr. Cassiano Neves prometeu em segundo artigo explicar-nos as causas do aumento da tuberculose nas duas grandes cidades do país, nós, que não lemos ainda o que ele vai dizer, sabemos ir surgir, ir ser indicada como principal causa tem de o ser forçosamente a insuficiencia de alimentação nas classes pobres e medias e a falsificação e mau fabrico de alguns generos alimenticios.

Aos nossos velhos horrorizados apareceram numeros esguios e erectos como dedos de esqualida e fantasmaçorica mão indicando, acusadores e fatais, os homens dos *canhões*, os homens que, na moagem, falsificando o pão, aumentando o preço e roubando no peso veem engordando desde o inicio da guerra enquan'o milhares de crianças, ventresinhos enormes e pulmões raquiticos vão ficando pelo caminho, soldaditos miseraveis do grande exercito dos pobres, *assassinados por meia duzia* de bandidos anafados e ladravazes!

Olhamos para os numeros, e perante nós, surgem córados, gordos, rebrilhando de aneis, chupando charutos, repoltreados em automoveis caros, os moageiros desta terra, os homens dos adubos, os dos azeites, a lavoura sempre a pedir protecção, o *honrado* comercio e a laboriosa industria lado a lado com rostos enfezaditos de petises, das caritas graciosas e palidas das nossas costureirinhas galantes, dos corpos secos de operarios sacudidos pela tosse anunciadora de morte e tantos, e tantos outros da grande legião dos explorados que *só* geme, que *só* murmura, *só* se queixa, que *só* gesticula, mas que um dia — e nós fazemos *tudo* para que esse dia chegue mais depressa — se erguerá de armas em punho, gritando justiça, clamando justiça, *fazendo* justiça!

Nesse dia serão vingados esses milhares de pobres victimas sacrificadas á ansia de dinheiro, de amantes e luxo dos homens *canhões*. Nesse dia correrá sangue em Portugal, mas correrá lutando, peito contra peito, frente a frente, as armas dos famintos, as bombas dos revolta-

dos contra as tropas — se ela ainda tiver tropas — da burguesia estúpida e criminososa que impera!

Nesse dia, a luta será terrivel, mas ás claras. Matar-se-ha, mas de um golpe e não lentamente, cobardemente, cinicamente e a coberto da lei, por detrás de balcões ou de *gutchets* comerciais!

Nesse dia, ao menos, poupar-se-hão as crianças!

Numeros! Que tremenda eloquencia a deles. 1915 em deante, sempre a aumentar a fatal proporção:

«Em 1915 — Em Lisboa, 42,3 ; no Porto, 45,0.  
Em 1916 — Em Lisboa, 43,2 ; no Porto, 45,5.  
Em 1917 — Em Lisboa, 41,9 ; no Porto, 44,.  
1918 — Em Lisboa, 44,5 (ano da gripe pneumonica) no Porto, 55,3

Em 1919 — Em Lisboa, 40,0 ; no Porto 49,4.  
Em 1920 — Em Lisboa, 44,3 ; no Porto, 44,9.  
Em 1921 — Em Lisboa, 39,4 ; no Porto, 38,9.  
Em 1922 — Em Lisboa, 45,5 ; no Porto, 46,2.  
Em 1923 — Em Lisboa, 47,3.  
Em 1924 — Em Lisboa, 39,4.

São estas as taxas da mortalidade por tuberculose (pulmonar, meningea e outras tuberculoses) por 10.000 habitantes em Lisboa e Porto.»

\*

E o que faz esta Sociedade?

O que fazem os homens que enriquecem? O que faz o proprio Estado?

Aqueles nem ao menos tem o gesto hipocrita de atirar as suas migalhas para minorar o mal causado. Os hospitais lutam com mil dificuldades. Os donativos rareiam, rarearam desde o inicio da guerra, desde que se começou a envenenar mais e melhor o Povo!

O Estado, por sua vez, mal cura do assunto e, inconsciente da grandeza do mal, não pensou ainda em arrancar aos ricos o dinheiro suficiente para o combater e evitar! Esta Republica, esta Democracia é uma mascarada tragica! Pensa se em tudo menos no Povo!

\*

E' triste comparar o que fazemos, melhor, o que não fazemos, com o que, lá fóra se faz! Na Dinamarca, por exemplo, com uma população de 3.300.000 habitantes (metade da nossa)



# UMA REVOLTANTE EXIGENCIA

O governo de Antonio Maria pretende da França a extradição de um perseguido politico

Não somos dos que entendem o atentado pessoal o expediente mais rapido para o triunfo de uma causa, sobretudo, desde que essa causa tenha um profundo cunho de beleza ideal a prestigia-la. E porque somos contra todas as violencias inuteis, não deixamos de protestar contra as arbitrariedades que os varios poderes legais e ilegais que torturam o país e desonram a democracia todos os dias cometem a pretexto de reprimir ou castigar violencias.

O governo do sr. Antonio Maria procura agora cometer uma nova arbitrariedade, das muitas que o seu o'lio medieval às conquistas democraticas lhe inspira. Mas, desta feita, necessita da cumplicidade de um governo estrangeiro, que não é, nem mais nem menos, que o da França tradicionalmente democratica.

O operario Paulo da Silva está acusado de autor ou cumplice no atentado cometido contra o sr. comandante da policia. Não sabemos se essa accusação será legitima ou será uma das inumeras invenções do *xefe* Xavier que atiraram com dezenas de homens, culpados e inocentes á mistura, porem, todos com direito juridico e humano a previo julgamento, para as mortiferas plagas africanas,

Paulo da Silva conseguiu fugir para o estrangeiro, internando-se em territorio francès. Foi preso mais tarde, a requisição das autoridades portuguesas, que o querem dar como criminoso comum,

Em França, contudo, ha um sagrado respeito pelas leis e pelas conquistas da democracia, não se governa a nação com a obtusidade do Antonio Maria e a estupidez do *xefe* Xavier. Tem-se provado juridicamente — em França, é claro, pois em Portugal não se atendem tão *minimas* questões — que Paulo da Silva é um emigrado politico, um criminoso politico segundo a accusação que lhe formulam. E como o governo de Antonio Maria — que já ao estrangeiro pretende mostrar que Portugal é apenas um seu régulado — não pode provar juridicamente que Paulo da Silva é criminoso comum, e depois de a esperteza saloia de *xefe* Xavier, na sua viagem de recreio a França — Paris é a capital da civilização... e do prazer! — não ter convencido as autoridades francesas, o perseguido não será extraditado, embora, permaneça numa prisão, o que já constitui um flagrante atentado contra a legalidade, aliás, combatido pela imprensa francesa.

O caso de Paulo da Silva mostra á evidencia que o sr. Antonio Maria não é dono da democracia, deixará de o ser tambem deste país; que o *xefe* Xavier, com as suas perseguições aos operarios fez apenas vítimas, sem descobrir criminosos. E na hora do ajuste, todos estes simbolos de baixa e primitiva tirania serão aniquilados pela consciencia colectiva, da qual participam, sem duvida, os sentimentos amargurados dos trabalhadores...

existem 30 hospitais e 12 sanatorios do Estado alem de muitos outros particulares para outras formas de tuberculose diferentes da pulmonar.

O Estado dinamarquês votou anualmente, para combater a tuberculose, os creditos seguintes cujas importancias foi arrancar ao *grande* contribuinte :

	francos ouro
De 1905 a 1919 —	1.412.000
De 1910 a 1914 —	2.012.400 »
De 1915 a 1919 —	3.213.800 »
De 1920 a 1921 —	5.738.000 »

E assim este paiz cuja mortalidade pela tuberculose era de 20 pessoas por 10.000 habitantes em 1900, em 1922 via essa mortalidade reduzida de 75,1º!

De 1900 a 1922 evitou-se a morte de 1.290 habitantes por cada milhão!

Mas — ah! senhores — «não basta hospitali-

sar os tuberculosos, é necessario que todo o ser humano, viva em condições de higiene e conforto, de habitação e alimentação!»

E d'aqui a imperiosa necessidade de uma legislação modernizada de higiene social — o trabalho das creanças, a higiene das fabricas, inspecção rigorosa aos generos alimenticios, vigilancia do trabalho nas padarias, etc., etc.

Lemos algures que, em Copenhague, os ovos á venda teem gravada na casca e obrigatoriamente a data da postura!

Mas isto são ninharias, miserias...

De mais, o dinheiro do Estado não é para socorrer os tuberculosos — é para socorrer os bancos e os afillhados! *Miseraveis!*

A união para obedecer e respeitar os verdugos trouxe aos homens a opressão e a miseria; a união na desobediencia e na acção desrespeitosa dará aos escravos o pão e a liberdade.

Praxedes G. Guerreiro.



# Bombas psicologicas

## Conceitos varios sobre uma diversa moral

Para se ter a noção da estupidez humana basta lêr o *Rebate*.

O partido democratico uniu-se como um só homem em vo'ta do governo e em volta da *régie*. E' natural. Foi o toque do rancho.

Raul Proença desanca-os. Nós tambem. O povo insulta-os. Toda a gente os odeia. Mas que-rem satisfazer todos os seus caprichos, porque têm dez deputados de maioria...

Entre nós e a politica—ha o povo. Entre eles e a politica—ha estomagos.

Estamos numa altura em que os cravos vermelhos se têm de transformar em bombas. E' o milagre de Santa Izabel—em interpretação revolucionaria.

A proposito desta ditadura e deste governo, os republicanos devem reconhecer que têm culpas no cartorio. Mas, se caímos nesta, é necessario não tornarmos a cair noutra...

O odio não existe. O que existe é o sr. Antonio Maria da Silva.

Volte-se todo o lixo dum caixote sobre uma folha de papel em branco e ter-se-ha imediatamente um exemplar do *Rebate*.

O Daniel Rodrigues morreu. Enterraram-no, vejam a ingratição!—os proprios correligionarios. O seu corpo ficou em jazigo de luxo na Caixa Geral dos Depositos. Os officios de corpo presente realisaram-se no *restaurant* Garret.

A prova de que está tudo mudado é que ha politicos que nasceram homens, quando havia toda a conveniencia em que tivessem nascido burros...

Ha um politico que se chama Barata. Mas ha muitos politicos que são como o senhor Barata...

Um amigo meu ficou muito espantado ao saber que o José do Vale existia. Imaginava que era um pseudonimo do sr. Antonio Maria da Silva.

Todos sentimos isto:—a Republica vai nascer outra vez.

O sr. Ferreira do Amaral dedica-se actualmente á pratica de obras de caridade. Anda a representar a comedia de coração generoso e nobre.

O *Diario de Noticias* é como certas mulheres de vida vergonhosamente equívoca e que pretendem convencer meio mundo que são duma seriedade irrepreensivel.

Os bonzos foram para a ditadura naturalmente, inconsequentemente. A razão é simples. Estão convencidos que Portugal é apenas a Travessa de Agua da Flôr. Os interesses do país são os seus interesses particulares.

O *Domingo Ilustrado*, talvez por *blague*, afirma que João Franco foi o ultimo grande homem publico que houve em Portugal. Que desconsideração para o ditador Antonio Maria!

O maior criminoso é sempre aquele que está seguro da impunidade. Exemplo—certos policias.

Quando vires um agente da policia de malmequer ao peito, já sabes que se planeia um crime.

O *Seculo* agarra-se a todos os homens que tenham um ponto de vista que lhe convenha. No dia seguinte atira-se logo pela borda fóra da sua barcaça de piratas da U. dos I. E.

Estamos cansados de dizer a verdade e de a escrever. Quando se esgotar a tinta teremos de escrever com sangue. Ha anos, um popular, no largo de S. Domingos, tambem com sangue traçou numa parede um barrete frigio e uma cruz—ou *liberdade ou morte!*



# A greve geral dos estudantes

A indiferença do governo está causando graves prejuízos à própria cultura mental do país

Ha seis mezes que algumas escolas superiores se encontram em greve. O Technico batia-se pelo exclusivo do titulo de engenheiro. Contra ele argumentavam as escolas industriais. E no meio da questão os ministros encolhiam os hombros. Passaram-se mezes em disputas amenas e na publicação de artigos justificativos. Vão o tempo — e os rapazes de um dia para o outro encontram-se, em massa, com o ano perdido por faltas. Lança-se então um pedido de solidariedade a todas as escolas superiores. Fazem-se reuniões que decorrem com acentuada inferioridade mas a greve geral acaba de ser declarada pela Federação Academica.

Que querem os estudantes de todas as escolas superiores de Lisboa, Coimbra e Porto? Trata-se, ao que nos afirmam, duma questão de interesses, derivados de cartas de curso. Mas as escolas industriais afirmam que o conflito nasce unicamente da vaidade intempestiva dos alunos do Technico. Seja como fôr, os estudantes dos cursos superiores tentam remediar a grave situação dos seus colegas. O conflito existente, como base da questão, não interessa de momento. Têm razão os alunos do Technico? Têm no as escolas industriais? Trata-se apenas duma questão desagradavel de vaidade ou ha, pelo contrario, um esboço de luta a serio pela vida — o que é grave, e talvez menos simpatico, em gente de vinte anos?

Não curam dis o as escolas superiores. Querem apenas a resolução dum assunto que ha meses se arrasta, pelas comissões officiais. Ha muito que os estudantes em litigio esperam uma resolução legal, conciliatoria, a ultima palavra — que dê definitivamente razão a quem de direito a tenha.

Pois que se resolva o assunto — votou a Federação. E para isso se fez a greve geral. Duma forma ou doutra, mas que se resolva.

A attitude dos rapazes das escolas superiores é pois uma attitude de revolta contra as instancias officiais que descaram totalmente todos os problemas que, como o seu, interessam, de facto, a vida do país. E fazem-no com risco do seu proprio futuro escolar. Mas pensam eles que o seu vasto movimento de solidariedade vai abalar a muralha da indiferença dos poderes publicos — e nisso estão redondamente enganados. Os ministros e o Parlamento vão continuar de braços cruzados ante a sua vasta greve e perante as suas reclamações. Ora a greve dos estudantes veio como uma consequencia inevitavel. Os

culpados são os homens do governo pela sua proverbial falta de interesse — que só espanta a irrequieta sinceridade da gente moça das escolas. E no entanto o Parlamento ha de fechar, os governos hão-de cair, os mezes hão-de passar e o conflito ha-de continuar na mesma

Nós, por nossa parte antevemos um triste fracasso ao movimento dos estudantes portugueses. Governos como o actual não se fizeram para liquidar sensatamente as questões pendentes. Os academicos tornaram colectiva uma attitude bastante grave. E assim, só tem na sua frente — um ano ingloriamente perdido...

## Carta de um estudante coimbrão

Encontram-se em greve os Institutos Industriais e Comerciais, os Institutos Superiores de Comércio, Technico, de Agronomia, as Faculdades Technica, de Letras e Sciencias, de todo o país; á data em que escrevo, estão tambem em greve as Faculdades de Medicina, Direito e Farmácia de Coimbra, e é natural que em breve as restantes Faculdades das Universidades de Lisboa e Porto se encontrem em greve.

Porque razão semelhante greve, o maior movimento académico de Portugal, quicá do mundo inteiro?

Esta historia tem 3 capitulos que vamos contar. No 1.º, vemos que, após o advento da Republica, naquela época primitiva de sinceridade — que hoje se transmutou em hipocrisia — se criaram as Faculdades de Letras e Sciencias, onde se ministra uma forte cultura humanista ou scientifica, nas quais os licenciados se dedicam ao magisterio secundario, especial ou tecnico, nas suas especialidades, sendo preferidos para o professorado effectivo aqueles que possuíam o curso das Escolas Normais Superiores. Ao mesmo tempo, os diplomados pelo Instituto Superior do Comercio, Technico, Agronomia, podiam concorrer ás especialidades, nas escolas tecnicas. Começaram, porém, a ingressar nessas escolas individuos não diplomados, em prejuizo daqueles que, tirando um curso, gastaram tempo e dinheiro. Mas, como, a principio, eram pessoas cultas e com decidida vocação para o ensino, esses professores não-diplomados, consentiu-se no facto, o que é natural, por haver competencia.

No 2.º capitulo, começa o abuso dessa nova regalia, chegando o governo a legislar nesse sentido — o de ingressarem em varias escolas, como mestres, pessoas nomeadas pelos ministros — para colocar os muitos apaniguados seus. E ocorre-nos perguntar — A extinção da Escola Normal Superior de Coimbra, que o dr. José Domingues dos Santos restabeleceu, não obedeceria ao criterio de, havendo uma só escola, menos alunos teria, menos professores legais haveria, e melhor se justificaria a nomeação ilegal dos amigos e compadres dos ministros?

Isto dura ha 6 anos, tendo começado, desde então uma reacção, embora frouxa, contra o facto; — o governo continua a abusar. Não é só no magisterio: é na diplomacia, nos consulados, em missões, em tudo são preferidos os diplomados com cursos apropriados a essas carreiras, a favor dos que são afilhados de ministros. Criam-se os engenheiros auxiliares.

O 3.º capitulo começa com o protesto dos alunos da escola Oliveira Martins, contra a nomeação dum profes-



# A chatinagem dos negreiros

Uma carta do deputado sr. Manuel Serras acerca da sua qualidade de republicano

Ainda como resposta à carta do sr. Aurelio Neto, recebemos do deputado Manuel Serras a seguinte carta:

*Sr. Director* — Meu pae, então ainda vivo, dizia-me pitorescamente «que se um dia um burro me dêsse um coice não o imitasse pondo tambem as mãos no chão».

Tanto na minha vida intima como na politica, nunca esqueço o conselho paterno, dispensando-me pois, sistematicamente, de responder ás grosserias ou aos palavões de quem quer que seja, por muito grande que seja a sua categoria ou o seu republicanismo. Não ignoro que a proposito da minha attitude de intransigente defeza dos interesses do Estado no problema da emigração, andam alguns malcreados a soldo de traficantes sem consciencia ou miseraveis inimigos pessoais, a bolsar contra mim, nalguns periodicos, os mais torpes doctos. Que lhes preste!

N'«A Choldra», de que não tenho a honra de ser colaborador e onde já vi até publicados algumas poucas amaveis referencias a meu respeito, não obstante as minhas excellentes relações pessoais com o seu illustre Director, parece que ultimamente alguém pretende pôr em pratica os mesmos processos de ataque misturando o meu nome, embora por prudentes metáforas, numa curiosa e engraçada historia de um piano, multificientemente oferecido a qualquer cidadão por um agente de passagens e passaportes.

São-me completamente indiferentes as tendencias musicas das pessoas com quem não mantenho camaradagem e, não me preocupa, portanto, o facto de terem ou não amigos que generosa e desinteressadamente lhe ofereçam instrumentos de tal valia.

Cada qual tem os amigos que quer e ou mais lhe convêm...

Para os meus não desejo no entanto o mesmo in-

sor, feita pelo ministro. Entram em grêve os alunos dessa escola, e seguem-lhe o exemplo os dos I. S. Comercio, Agronomia, e Technico, Letras e Sciencias, de todo o país, à excepção de Lisboa, onde a Faculdade de Sciencias — por motivos especiais — continua em aulas.

Formulam-se reclamações contra esse facto insólito e ilegal — o da nomeação de professores — e pede-se uma definição clara e concreta das finalidades de cada escola. O governo promete atender, em Fevereiro, e até hoje. Maio... nada. Os alunos estão em risco de perderem o ano. Tecem protestado os alunos, tem a imprensa falado e... nada. Pediram, ao mesmo tempo, os engenheiros, a extinção do titulo de engenheiros-auxiliares; mas o que se tenciona fazer aos alunos dos I. Industriais e Comerciais, é um atropelo à lei, ao contrato tácito da matricula, pois se salvaguardam os direitos adquiridos dos diplomados, e não o daqueles que, na esperanza desse titulo, ainda são alunos.

E' esta a questão académica, conflito naturalmente simpático, e sobre ela desejaríamos ver uma decisão. Parece-me, porém, que o não conseguiremos, pois ele não o soluciona a contento de todos, cairá, e o que se seguirá será quem o solucionará.

Mas, a solução não é difficil: salvaguardar o direito dos professores provisórios com mais de 6 anos de serviço, o que é justo; dar a preferéncia aos diplomados com a E. N. S., e depois, aos simples licenciados, por ordem decrescente; dar o ensino das Filologias, aos alunos

vel moral de tantos outros, por muito velhos que sejam os seus princípios ou ideias.

É que não é republicano quem quer, mas sim quem pôde.

**Eu sou dos que podem!**

Com antecipados agradecimentos pela publicação, subscreve-se com inteira consideração, de V.

MANUEL SERRAS

N. R. Já aqui o temos dito: consideramos o sr. Manuel Serras homem de honra e republicano mas não podemos negar ao sr. Aurelio Neto os pergaminhos de velho republicano a que incontestavelmente tem direito.

E porque de pergaminhos falamos e o sr. Serras firma e com razão «não ser republicano quem quer, mas sim quem pode e ele é dos que podem»; nós afirmamos sinceramente ao deputado *bonzo* que S. Ex.<sup>a</sup> no tempo do Dezembrismo, *não podia*.

E não podia porque assinava, então, um convite aos evolucionistas para aderirem a Sidonio Pais, quando já Antonio José d'Almeida com ele lutava nobre e galhardamente.

O seu a seu dono, sr. Serras. Quanto a nós, o sr. Aurelio Neto cometeu uma falta aceitando prendas por serviços prestados em assuntos que correm pela sua repartição, mas no respeitante a passado republicano...

Amigo Serras: quem transgiu com Sidonio Pais quando o sr. transgiu...

de Letras, e Comercio; o da Historia, aos de Letras; o da Geografia, aos de Letras e Comercio; o das especialidades Geograficas, (Geologia, topografia etc.) aos de Sciencias, Engenharias Letras e Agronomia o de Sciencias Naturais, aos de Sciencias e Agronomia; o de Fisica e Quimica, aos de Sciencias Engenharia e Agronomia; o de Matematico, aos de Sciencias, Engenharia e Comercio, tendo em aténção as especialidades, e não olvidando os alunos de Belas-Artes; Conservar o titulo de engenheiros-auxiliares aos diplomados e a todos os actuais alunos pos I. L., dar aos que se venham a matricular aí, o de auxiliares de engenheiros, ou engenharia, alguma coisa de mais concreto do que o que o governo pretende criar no «Agentes Tecnicos de Engenharia». Isto é alguma coisa que se coma?

ESTUDANTE COIMBRÃO

Coimbra-23-5-926.

P. S. — Depois de escrito este artigo, declararam-se em grêve, a Universidade do Porto (Fac. de Farmacia e Medicina, pois as de Sciencias, Technica, Letras e Comercio já o estavam) e a Fac. de Direito de Lisboa, solidárias com os grevistas que reclamam pelos seus direitos ao Landrú-sem-Pêra, vergonha de Portugal. O autor tambem declara nada ter de comum com um tal «Estudante Coimbra» (?) que, por seus escritos em vários jornais sobre a grêve-academica, está a pedir *canelão*. *A bon entendeur...*



## CARTA DE UM PAE SENSATO

aos soldadinhos da Acção Realista

Sempre simpatizamos com as irreverencias da mocidade. Entendemos que se devem deixar as crianças entregues á sua gritaria irrequieta. Uma bôa partida, uma boa piada, uma graciosa attitude divertem-nos tanto, como no cine, uma bem agarrada diabrura do Pencudo. Ora vocês, os soldadinhos entusiastas da *Acção Realista* se não têm, infelizmente, uma originalidade por aí além, marcam, nesta monotoná vida quotidiana, um lugarsinho engraçado pelo ar patusco das suas juvenis concepções politicas—e tradicionalistas. Eu bem sei que é muita velha a pretensão, um tudo nada ridícula, é claro—de querermos, aos desasséte anos, salvar o mundo. Mas é exactamente em termos desasséte anos, que reside a piada toda. Rapaziadas! Vocês podiam muito bem, garotos como são, dedicar-se por exemplo, ao desporto, o que seria talvez simpático. Organisaríam clubes, jogariam á espada, fariam atletismo, corriam, criavam *courts de tennis*. É claro, tudo isto por selecção, sem misturas, apenas para gente fina...

Porque a verdade é esta.—Ora olhem uns para os outros. Vocês são todos fraquitos, de-beis, pouco muscu'ados. A raça está combalida, delinha-se. Precisa de sol e de ar livre. Vocês têm todos uma marrecasinha precoce, são olheirentos... Porque não saltam antes do eixo, em lugar de passarem a tarde debruçados sobre uma mesa a rabiscar artiguinhos inflamados? O sol e o ar livre vale de muito na vida, podem crer! Dá cabo do tédio, das más disposições, das incontinencias dos nervos e dum fundo de pessimismo que vocês herdaram de ouvir o papá ao jantar, a dizer mal dos politicos...

Mas não. Vocês entenderam que deviam esquecer a mocidade a alegria de viver e o sol. Resolveram fingir de pessoas serias e caturras. Como? Como ha-de ser? E desataram aos vivas á monarchia. Diabo, pensaram. E' capaz de vir a policia!... Mas qual. A policia deixou-os brincar á vontade. E então lembraram-se doutra patuscada, mais gira ainda—E se nós, ó pá, implantassemos a monarchia?

E todos á uma, encantados com a proposta, berraram Valétas, ó chico! Marca lá duas á preta! Pegaram nuns livrinhos do Antonio Sardinha e fizeram deles uma Biblia. Chamaram o Pimenta, deram-lhe a categoria de explicador, no genero daqueles a quem os paisinhos pagam para vocês aprenderem a martelo as disciplinas do liceu—e zás, fizeram se politicos. O Pimenta lá vai ganhando a vida a traduzir-lhes a *Action Française*, o Joãosito Ameal arranjou uma folha de couve—e vocês, tão bons rapazes, sempre tão asseados, tão janotas, tão agradaveis,

passaram a denominar-se gentilmente—os soldadinhos da *Acção Realista*.

Mas o jornaleco não se vendia, a monarchia não vinha e a vida continuava a amanhecer todos os dias como se nada de novo houvesse sobre a terra—e como se vocês não fossem um formidável cataclismo. Diabo! Mas então o mundo não repara em nós? matutavam vocês com amargura...

E resolveram então fazer mais barulho. Ora precisamente nesse dia o de Antonio Sergio, que é alguém nesta terra, foi fazer uma conferencia no salão de S. Carlos. O Murias, que escreveu um livrinho a quem Antonio Sergio fez uma critica pouco l'songeira, lembrou se desse velho agravo, chamou á baila a memoria do Mestre Sardinha, baralhou tudo no sub consciente e teve uma ideia oportuna:—E se nós fossemos fazer uma valente assuada ao compadre Sergio? Era uma bela oportunidade para entarmos em acção directa.

—Quando não, esta gente nunca mais dá porque nós existimos!

Dito e feito. Nessa tarde, vocês, os bravos e juvenis soldadinhos da *Acção Realista*, melena ao vento, entusiasmados e heroicos, um tudo nada desbragados talvez—tiveram o seu baptismo de fogo. Partiram cadeiras, agítaram os seus bengalões, amarrotaram os casacos de bom corte inglez e deram muitas vivas e muitos morras. Na manhã seguinte, pelo *Noticias*, toda a gente sabia que vocês existiam... Foi o triunfo!

E' claro—isto que vocês fizeram, não é nada do outro mundo. E' uma desculpavel zaragata de rapazes de sangue na guelra. Mas, assim, sempre vocês se podem dar uns ares de intellectuais, que lhes ficam a matar.

E, francamente, podia lhes dar para pior. Antes isso do que andar, já não digo pelas tabernas, mas pelas tavalagens elegantes...

Ora esta carta, meus simpaticos e juvenis adversarios, tem apenas um intuito. Dar lhes aqui, muito em segredo, um bom conselho. Vocês teimaram em estragar a nossa primavera juvenil, queimando os nervos a brincar ao jará politico e escrevendo artiguinhos que lhes dão imenso trabalho por causa da gramatica. Já vos disse que fazem mal—e que bem melhor fariam se enchessem esses pulmões de ar puro e esses cerebros em formações de ideias alegres e amaveis, propicias a gente de verdes anos. Não quebrem. Pois bem. Divirtam nos então com as suas paradas de forças e com a galanteria romantica dos seus assaltos á mão armada. Mas oiçam lá!



Vocês são muito novos e não conhecem nada de politica—nem os homens da politica.

Nem sequer calculam que ha para aí muitos republicanõs inflamados, criaturas de mau aspecto—e que são capazes de não perceber que vocês andam a reinar. Vocês não os conhecem. São uns homens conhecidos como revolucionarios e os que nestas questões de regime não são para brincadeiras. Gente ordinaria e reles, carissimos adversarios. . .

Ora vocês podem muito bem dar vivas ao rei, fundar misteriosos gremios monarchicos, fazer sessões catitas e publicar até alguns artigos de estucha. Podem fazer isso que é inofensivo—e assim irão levando a vida tranquilamente. Mas não façam barulho demais, rapazes. Tenham cautela. Não é por nós, é claro, que lhes achamos piada e temos até simpatia por vocês. Mas é por causa dos tais jacobinões que não são para graças. Um dia eles têm a infelicissima ideia de os tomar a serio—tudo é possível!—zangam-se, perseguem-nos, são capazes de lhes dar algumas bengaladas fortes, ha estado de sitio, panico, a séde com os vidros espatifados—e vocês, o que seria muito deselegante, ficam com o lamentavel aspecto de meninos a quem o papá deu açoites! . . .

É aqui têm a razão porque eu, meus queridos soldadinhos, lhes venho a aconselhar, *em camarade*, que tenham um bocadinho mais de juizo e que equilibrem com um pouco de ponderação as suas divertidas fantasias.

#### UM PAI SENSATO.

### O «Mundo» foi apreendido

O velho baluarte republicano, o orgão querido das aspirações liberais, o porta-voz dos anseios do povo republicano foi apreendido ontem pelo governo do sr. Silva!

Indignadamente nos revoltamos e protestamos contra tão monstruosa violencia que ficará, a ferro em braza, marcada no dorso magro do chefe do governo!

A 15 anos de Republica! França Borges! Bem fazias tu, bem advinhavas que este Silva deveria ser funesto para a Republica!

### «A Revolta de Almada»

O Centro Republicano Radical 19 de Outubro acaba de lançar á publicidade um seu orgão *A Revolta de Almada*, dirigido pelo sr. José Maria de Almeida Junior. Apresenta se combativo e apresta-se a defender os intuitos reveiados pelos republicanos que se revoltaram em fevereiro ultimo e foram iniquamente deportados pelo governo do cabo Antonio Maria. Ao novo jornal desejamos sinceramente, não só longa vida, como inteiro exito na sua missão.

### A PROPOSITO

Rocha Martins, republicano que foi de antes de 5 d'Outubro, mais historico que o sr. Silva e mais nobre que ele, quando *jugou* que se lhe mudavam as ideias, voltou á monarchia.

Simplemente o sr. Rocha Martins, republicano historico, diz-se monarchico e tem ideias republicanas; o sr. Silva, republicano historico, republicano se diz ainda e tem ideias monarchicas. Vem este piparote a proposito de uma interessante cronica daquele mestre illustre do jornalismo no *Diario da Tarde*, e de lá transcrevemos um bocadinho de oiro que Rocha Martins arrancou á oratoria academica de Saldanha no tempo dos Cabrais. Vem a proposito:

Quando qualquer dos poderes politicos exorbita a ponto que os meios constitucionais não bastam para o fazer voltar ao caminho legal, cal-se por força na anarchia ou no despotismo. Contra o despotismo nenhum dos membros desta Câmara, não duvido afirmá-lo, negará o direito e, mesmo o dever, que temos de empregar a força; e contra a anarchia ninguém duvida que deve o exército intervir, como elemento de ordem, mantendo a tranquillidade, protegendo o sistema, dando força á autoridade para que a acção da lei possa atingir os criminosos e restabelecer o equilibrio. Mas se o exército é essencialmente obediente, quem lhe há-de indicar que estão esgotados todos os meios constitucionais e que é chegado o momento solene de empregar a força? E' uma autoridade acima de toda a excepção, superior a toda a criminalidade. E' a vontade nacional justificando o emprêgo da força a ponto de a confundir com o direito. É a manifestação do momento solene que nenhuma sciência humana pode prever, que nenhuma consciência humana pode regular e que apparecada pela mão divina.

Pouco mais ou menos . . .

## O MAIOR CUMPLICE

O sr. director da Policia de Investigação Criminal, o sr. dr. Teixeira Direito, monarchico de ha poucos anos que para a Republica veio pelas mãos do sr. Lopes Cardoso e Victorino Guimarães e, dentro do regimen tem comido á tripa forra, resolveu provocar a querela d'*A Choldra* pelas accusações aqui formuladas ao chefe José Francisco Xavier.

Não nos sangamos por isso. O sr. Direito forneceu-nos occasião para, em publico e perante a justiça do pais, poderem ser revelados os escandalos da policia que dirige.

Aguardemos o julgamento. Seja-nos permitida, porem, umas perguntas:

Quando é que o sr. Teixeira Direito deixa de ser cumplice dos seus subordinados prevaricadores?

Quando é que castiga aqueles para os quais preconisa uma limpeza?

Quando é que se afasta do seu lugar ou entrega a outro as investigações referentes ao atentado preparado contra o sr. dr. Crispiniano da Fonseca com o qual tem cortadas as suas relações pessoais? Quando?



# Cronicas internacionais

As grandes e pequenas nações atacadas de furor guerreiro.  
A triste sorte de Abd-el-Krim e de um povo corajoso

Está decorrendo em Genebra a conferencia preparatoria do desarmamento, melhor dizendo, da limitação do armamento.

Nem todos os paizes estão representados na conferencia, o que é já um indicio de insucesso. De resto, as teses da Inglaterra e da França são contraditorias quanto á resolução deste problema. A Inglaterra e a America isoladas pelo mar querem sobretudo, e ante de mais nada, que sejam limitados os armamentos de submarinos e aviões. A França sustenta que o desarmamento deve considerar tambem o poder industrial de cada paiz. As futuras guerras serão guerras de quimica e os paizes que tiverem já montadas as suas fabricas teem grandes vantagens sobre os outros e por isso a estas deve ser permitido salvaguardar-se com outros armamentos deste precalço.

A verdade é que nenhuma das grandes potencias pensa sinceramente em desarmar-se, mas, sim em ver os outros desarmados. De resto, nunca os orçamentos dos Estados estiveram mais sobrecarregados com as despesas de guerra do que actualmente. Até com o nosso pequeno país, que não chega a ter exercito nem marinha, por mais que se esforce, acontece isso. O pacifismo das grandes potencias não passa da mais colossal das burlas. Só um pequeno país, a Dinamarca, procedeu correctamente, desarmando-se.

Mas veja-se, por exemplo, a Italia. Este país tem hoje a maior esquadilha aerea naval no Mediterraneo. A sua frota de submarinos tem augmentado sem cessar.

Na Italia, desde que o fascismo por um golpe de mão se apoderou do poder, não se pensa em outra cousa senão em conquista e em guerra. A Italia está representada na conferencia. Mas quem acreditará que ela pensa em desarmar? Não, o fascismo vai a guerra e é mesmo na guerra que encontra a sua liquidação.

A batalha inglesa continua. Os combatentes são menos numerosos, sem duvida, que ha quinze dias, mas mostram-se dispostos a conquistar a vitoria.

A's propostas de redução dos salarios apresentadas por Baldwin, a estas propostas que o primeiro ministro inglez havia rodeado de vagas promessas de reorganisação da industria carvoeira, os operarios responderam por um não categorico. Esta decisão estava prevista.

A batalha continua, pois, mas, na propria con-

fissão da Federação dos Mineiros, ela será longa e difficil. Numa declaração que acaba de fazer, o secretario dos mineiros Cookapela para a solidariedade do proletariado do mundo inteiro. Enquanto que o conselho geral das Trade Unions revelou o seu medo e os seus receios perante o adversario, Cook defronta-os corajosamente.

Se acreditássemos nas noticias que nos chegam de Marrocos sobre o avanço das tropas francesas, cujos comunicados registam quasi dia a dia um avanço de dez quilometros, tínhamos que admitir que os exercitos franceses tinham atravessado já todo o Riff e estavam a meio do Mediterraneo a caminho da Europa. Que tenham avançado não o duvidamos mas á custa de quantos sacrificios?

As ultimas noticias dizem que Abd-el-krim solicitou a paz. Talvez seja assim.

Se assim fór melhor sorte mereciam um chefe militar e um pequeno povo que por tanto tempo e tão corajosamente souberam defrontar-se com os exercitos de dois grandes Estados europeus.

## Prognostico



— Meu amigo: essa anemia só se vai com uma adesão ao Antonio Maria. . .



## REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

D. IMPRENSA

TEATRO DA POLÍTICA

HOJE HOJE

A peça de baixo espectáculo  
em 1 prologo, 1 acto e uma  
pantomima

DA TRIBUNA  
DA IMPRENSA

AVISO

O publico aguarda serenamente o desfecho da peça.

Prologo

Na Imbecillandia

(Ano de 1915. Aos 14 dias do mês de Maio, em pie no movimento revolucionario).

UM «TROUXA»

Rapazes, o movimento está triunfante!

OUTRO «TROUXA»

Graças ao grande aspirante!

TODOS OS «TROUXAS»

Viva o sr. Latão Agança! Vivóóóó!

HEROI

Obrigado, meus senhores! Em vós verdade bim das terras do Marão para salvar o país!

OS «TROUXAS»

Vivóóóó!

D. IMPRENSA (com entusiasmo)

Vou dar o retrato de V. Ex.<sup>a</sup> em todas as posições e chamar-lhe heroi!

HEROI

Só!?

Herói, ao quadrado...

HEROI

Eu bem o mereço!...

(Fim do prologo)

ACTO UNICO

No selo da representação nacional

(Ano de des... graça de nosso senhor (livra) Antonio Maria da Silva. Discute-se a questão dos tabacos).

ALGUNS AGENTES DA P. S. E. (das galerias reservadas)

Abaixo as oposições! Viva a régie! Viva o patrão!

HEROI (mudo e quêdo como um penêdo)

MEIA DUZIA DE OPERARIOS

Viva a régie! Viva o governo! Vivam as deportações!

HEROI (como acima)

(Intervalo para organizar a pantomima)

O SR. PRESIDENTE

Vai entrar-se na ordem do dia! Vai votar-se o negocio urgente...

(Começa a pantomima da autoria do Herói. As oposições batem com as carteiras. O Herói, a quem d'ora-avante trataremos por pantomimeiro, gesticula, barafusta acompanhado pelo sr. Carocha e... encerra-se a sessão).

Recomeçando-se os trabalhos, dias depois, o Pantomimeiro grita:

Peço a palavra para explicações! Aquela galeria (aponta para a tribuna da imprensa) manifestou-se ha dias. Peço energicas providencias! (Todos os cronistas parlamentares abandonam a tribuna).

Fazem uso da palavra varios parlamentares que declaram não ter ouvido quaisquer manifestações daquele lado.

O PANTOMIMEIRO

Ouvi eu. Ouvi eu!

O RATO DA GALERIA

Não admira. Ele tem as orelhas grandes...

TABLEAUX



## ERNESTO VILCHES

Comentarios a proposito do artista espanhol

Tem-se escrito milhares de paginas tentando definir o que deve ser um grande actor.

As opiniões são muitas e as escolas inumeras. A evolução por sua vez tambem tem sido notavel. Zacconi, por exemplo, passou de moda. E' necessario talvez, definir o nosso ponto de vista. A obra do actor é realizar a intenção do autor dramático. Excedendo-o? Não. Completando-o, quando muito. A missão do teatro acentua-se dia a dia num criterio de pensamento, de sugestão, quasi de simbolo. Os dramaturgos caminham para o espirito e para a síntese. Ha peças no teatro moderno que não necessitam ser representadas, mas unicamente sentidas e compreendidas. Parte-se do *tipo* para a alma. As figuras, marcadas apenas em quatro pinceladas, não necessitam *para viver* dos mil e um retoques sugeridos á habilidade do actor, por exteriorizações realistas. O palco não é um museu anatomico, mas um laboratorio de sentimentos. A vida tirada das ruas e dos hospitais—é *truc*. Donde se torna necessario tirar a vida — é das consciencias.

As cotisações fisiologicas, os *tics* nervosos, os rigorosos *similis* arrancados *d'après nature* num virtuosismo excessivo, não passam de habilidade embora notavel. Ora o teatro pretende ser modernamente o menos falso possivel. A acção e o conflito querem apenas dar-nos sugestões de sentimentos humanos. No palco não está a vida, mas o seu espectro. O exacto, no sentido de copia da vida real, cede lugar pouco a pouco a um teatro novo onde os actores têm de pôr mais intelligencia do que histrionismo. A concepção dramática passa a ter uma função espiritual. O actor já não é um imitador mas um transmissor de pensamento. A sua missão eleva-se e enobrece-se. A criação é toda intelectual...

Ernesto Vilches é um artista da velha escola — embora suavizado por interessantes retoques *mpressionistas*. Mas é digno de estudo. E' um actor que se desdobra. Em dez peças dá-nos dez almas? Não. Mas dá-nos dez figuras diferentes.

Não é um criador mas é um curiosissimo realisador

## No proximo numero

Lêr critica independente as peças em scena no Teatro do Ginasio e no Trindado, pela companhia Lucilla Simões. O descabro do teatro Nacional. Apontamentos sobre a temporada findat

de *tipos*. Utilizando o proprio corpo como se fosse um complicado manequim de extranha mobilidade, Ernesto Vilches, pelo gesto, pelo pormenor, pela atitude e pela composição é um exemplo de brilhantes e excepcionais faculdades histrionicas.

Não é um actor classico, nem um actor moderno, intimo, dramático, sobrio e forte, marcando as interpretações de *dentro para fóra*. E' um actor de impressões colhidas na realidade, não com estudo científico, nem com análise psicologica, mas identificando-se pitorescamente com as características exteriores dos personagens. E' um interessante reflector de *tipos*. A sua arte—é a vida vista num espelho...

Em *Todo un hombre, Mister Wu, El eterno D. Juan*, em quasi todas as peças do seu repertorio, Vilches consegue ser um prodigio de multiplicidade.

Nisto reside o seu maior talento. Mas, visto isoladamente, num papel apenas, a sua arte não nos cega, não nos comove, nem nos deslumbra.

O feltio comico dalguns dos seus personagens é vulgar. A expressão dramática doutras das suas figuras está na chapa conhecida da segurança técnica. É um actor sem vãos, sem inédito, sem, *por si proprio*, dar, aos personagens, sentimentos sofridos e dados *atravez duma alma*. Vilches, nos seus papels, é um actor convencionalmente humano. Quero dizer—é um actor que arranca as suas interpretações aos sentimentos estabelecidos em lugar-comum. Como não vive as figuras—aceita a vida feita. Usa *maquillage* até nos sentimentos.

Despersonallsa-se—e um actor, quando um superior artista, nunca deve perder a sua personalidade. Um grande artista tudo compreende, tudo assimila e tudo sofre. A sua alma é um mundo. Tem tudo dentro de si. Tudo saber dar, atravez do temperamento, quere se seja actor, escritor ou poeta—é a verdadeira marca do talento...

Mas apesar do nosso ponto de vista, não podemos deixar de reconhecer em Ernesto Vilches, notaveis e interessantissimas faculdades historicas, dignas duma larga apreciação que caberia mais justamente numa revista da especialidade. E a *Choldra* é, acima de tudo, um panfleto politico...

C.

## Fotografias do sr. dr. José Domingues dos Santos

Na administração de **A Choldra** recebem-se pedidos para o envio de belas reproduções de uma fotografia do **leader** da Esquerda Democratica que

## TODO O ESQUERDISTA DEVE POSSUIR

Basta enviar **1\$50** para cada fotografia para receber na volta do correio.